

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS

Judithe de Melo Bertolini

Tradutor(es) Verdadeiro(s): análise das traduções automática e profissional

Juiz de Fora

2025

Judithe de Melo Bertolini

Tradutor(es) Verdadeiro(s): análise das traduções automática e profissional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras-Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Henriques Dias

Juiz de Fora

2025

Judithe de Melo Bertolini

Tradutor(es) Verdadeiro(s): análise das traduções automática e profissional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras-Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Henriques Dias

Aprovado em 07 de março de 2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fernanda Henriques Dias – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Aduino Lúcio Caetano Villela
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi
Universidade Federal de Juiz de Fora

À Fernanda, a minha orientadora, a qual me inspira tanto. Você me ensinou novas formas de pensar e de ver o mundo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Deus, o qual eu não me permito dar um passo sem antes consultar.

Agradeço a todos os professores da FALE. Cada um de vocês contribui significativamente para a formação dos discentes aqui todos os anos, direta ou indiretamente. Carrego comigo pedacinhos dos ensinamentos de cada um com muito carinho.

Agradeço também aos colaboradores da UFJF, os quais merecem todo o reconhecimento.

Dedico, em especial, meu carinho e zelo à Profa. Dra. Fernanda Henriques Dias, minha orientadora, a qual desde o início acolheu as minhas ideias, sempre me auxiliando a encontrar a melhor solução para cada obstáculo enfrentado durante esse estudo e se importando, para muito além do trabalho, com a aluna que estava por trás dele. Você é uma pessoa incrível, Fernanda!

Agradeço a disponibilidade da banca e aos ensinamentos de Aduino Vilella e Carolina Magaldi, cujas aulas contribuíram significativamente para a minha formação enquanto tradutora. Por meio delas, aprendi não só a usar os programas de apoio à tradução como também a me envolver ainda mais no trabalho com o texto por meio das revisões colaborativas e do *feedback* entre os alunos da turma, o que me trouxe muito mais cautela no processo tradutório.

Agradeço também ao Prof. Dr. Rogério de Souza Sérgio Ferreira, o John Keating da Letras. Por causa das suas aulas, sei que serei uma leitora e tradutora muito mais sensível e atenta às nuances de um texto. Suas aulas sempre me lembraram o motivo de eu ter escolhido esse curso: pelo poder das palavras.

Agradeço, também, ao amor da minha vida, Carlos Eduardo, por sempre me apoiar em cada passo que eu penso em dar.

Aos meus amigos, que tanto contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. Admiro tremendamente o nosso círculo, o qual está sempre se incentivando e comemorando cada passo que um de nós dá.

Ao meu pai, Flávio, e às minhas tias, Marilene, Marilande e Mariane Bertolini, que tanto me apoiaram, não só na minha jornada acadêmica, mas na vida. Amo vocês!

“Parte do motivo pelo qual prever o final de nossa história com a IA é tão difícil é porque não se trata apenas de uma história sobre máquinas. Também é uma história sobre seres humanos, pessoas com livre-arbítrio, o que lhes permite fazer suas próprias escolhas e moldar seus próprios destinos”.

(Kai-Fu Lee)

RESUMO

Neste trabalho, apresentaremos uma análise comparativa de trechos de duas traduções do romance intitulado *One True Love(s)*, de Taylor Jenkins Reid, realizadas pelo *chatbot* da OpenAI, ChatGPT, e pelo tradutor profissional da editora Paralela, Alexandre Boide, respectivamente. Por meio desta análise, pretendemos investigar como a máquina lida com questões contextuais e linguísticas em cada fragmento. A partir dos resultados obtidos na análise supracitada, partiremos, então, para discussões e reflexões recentes acerca das tendências de mercado envolvendo a Inteligência Artificial (IA), incluindo temas como pós-edição, regulamentação e a possibilidade de substituição do profissional humano. Como aporte teórico-metodológico, utilizaremos uma análise de viés qualitativo, incluindo os procedimentos técnicos da tradução recategorizados por Barbosa (2004) e a Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (2013). Assim, analisaremos cinco fragmentos retirados tanto do texto original quanto das referidas traduções, com o objetivo de avaliar as escolhas feitas por cada agente, observando, deste modo, as decisões linguísticas e contextuais tomadas em cada versão. Como resultado, pretendemos apontar as tendências de mercado no que se refere à possibilidade de substituição do tradutor profissional ou à integração de ambos os agentes durante o processo tradutório.

Palavras-chave: tradução literária; tradução automática; tradução profissional; Inteligência Artificial; ChatGPT.

ABSTRACT

In this study, we will present a comparative analysis of excerpts from two different translations of Taylor Jenkins Reid's novel *One True Loves* (2016), performed by OpenAI's chatbot ChatGPT and Paralela's professional translator, Alexandre Boide, respectively. Through this analysis, we aim to investigate how the machine handles contextual issues and linguistic nuances in each excerpt. From the results obtained in the analysis above, we will then propose discussions and reflections on market trends regarding Artificial Intelligence, including topics such as post-editing, regulation (on Artificial Intelligence), and the possibility of replacement of the human translator. As theoretical and methodological support, we will conduct a qualitatively oriented analysis, including the technical procedures of translation recategorized by Heloísa Barbosa (2004) and Itamar Even-Zohar's Polysystem Theory (2013). Thus, we will analyze five fragments from both the original text and the two aforementioned translations to assess the choices made by both translators, observing, that way, the linguistic and contextual decisions made in each version. Finally, we aim to examine the market trends regarding the possibility of replacing the professional translator or integrating both of them during the translation process.

Keywords: literary translation; machine translation; professional translation; Artificial Intelligence; ChatGPT.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tela inicial do Google, com a aba "Ferramentas" ativada	36
Figura 2 - Tela inicial do Google, com a aba "Ferramentas" ativada	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fragmento I	33
Quadro 2 – Fragmento II	35
Quadro 3 – Fragmento III	37
Quadro 4 – Fragmento IV	39
Quadro 5 – Fragmento V	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ChatGPT	Chat Generative Pre-Trained Transformer
IA	Inteligência Artificial
LT	Língua Traduzida
PLN	Processamento de Línguas Naturais
TA	Tradução Automática

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I — A ATIVIDADE TRADUTÓRIA	16
1.1. A atividade tradutória profissional: uma breve revisão	16
1.2. A evolução da IA e a atividade tradutória automatizada: uma breve revisão.....	20
1.3. Cenário e agitações atuais do mercado	24
CAPÍTULO II — APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO	26
1.1. A proposta de recategorização dos procedimentos técnicos de Barbosa .	26
1.2. A Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar	30
CAPÍTULO III — AMOR(ES) VERDADEIRO(S): ANÁLISE E COMPARAÇÃO DAS RESPECTIVAS TRADUÇÕES	32
1.1. Análise.....	32
1.2 Conclusão	42
CAPÍTULO IV — O TRADUTOR NO MERCADO DE TRABALHO	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

Atualmente, discute-se ininterruptamente os efeitos da evolução da Inteligência Artificial — doravante IA — nos mais diversos setores, incluindo o editorial. Esse debate vem se expandindo cada vez mais desde o lançamento do ChatGPT — Chat Generative Pre-Trained Transformer —, *software* de IA lançado pela OpenAI em novembro de 2022 capaz de realizar uma série de tarefas, como redigir contratos e e-mails, criar um calendário de postagens para as redes sociais, gerar listas, escrever e traduzir textos, etc., tudo através de comandos em linguagem natural, os chamados *prompts* (Alexopoulos *et al.*, 2023 *apud* Sampaio *et al.*, 2024, p. 1). Essas e muitas outras funcionalidades podem ser exploradas dentro do *chatbot* para as mais diversas áreas do conhecimento, tais como jornalismo, tradução, programação e linguística, o que leva profissionais desses campos a refletirem sobre a automação do trabalho e, conseqüentemente, a substituição de seus postos no mercado (Rodríguez *et al.*, 2020, *apud* Sampaio *et al.*, 2024, p. 2). Questões como maior agilidade e menor custo de produção permeiam essas discussões, gerando uma série de dúvidas não somente nos profissionais da tradução, por exemplo, como também em tradutores em formação. Afinal, ainda é possível seguir carreira enquanto tradutor ou essa profissão, outrora realizada apenas por profissionais humanos, está com os dias contados?

É nesse contexto de incertezas que nasce este trabalho. Por meio de uma análise comparativa de cinco fragmentos traduzidos tanto pelo ChatGPT — na versão 4.0 — quanto pelo tradutor profissional Alexandre Boide, realizada no terceiro capítulo deste trabalho de conclusão de curso, visamos investigar como, efetivamente, o *software* supracitado lida com nuances linguísticas e contextuais presentes nos trechos de *One True Love(s)*, de Taylor Jenkins Reid, comparado à forma que o tradutor humano apresenta sua tradução. Em seguida, propomos, a partir dos dados obtidos, uma reflexão acerca da probabilidade de permanência do profissional de tradução no campo de atuação, contando, ao final, com a perspectiva do próprio tradutor da obra aqui analisada a partir de trechos da entrevista que ele gentilmente nos concedeu como contribuição para este estudo (Bertolini e Dias, 2024). Vale acrescentar que, no presente trabalho, nos propusemos a analisar somente dentro dos limites da tradução literária.

É natural que surja, porém, a dúvida a seguir: por que a IA foi associada a *Amor(es) verdadeiro(s)*, em específico, para a realização deste trabalho?

Amor(es) verdadeiro(s) — originalmente *One True Love(s)* — é um romance de Taylor Jenkins Reid, um dos maiores nomes da literatura pop atualmente. A autora construiu uma sólida base de fãs ao longo dos anos a partir da publicação de obras como *Os sete maridos de Evelyn Hugo* (2017), *Daisy Jones & the Six: uma história de amor e música* (2020) e *Malibu renasce* (2020), cujas vendas foram impulsionadas pelo *BookTok*, comunidade de influenciadores literários que integram a plataforma chinesa (Karhawi, Szabó e Fernandes, 2024, p. 165).

O romance aborda a vida de Emma Blair, uma jovem de cidade pequena, filha de um casal de livreiros. Aos vinte e cinco anos, ela muda de cidade e se casa com Jesse, seu namorado desde a época do colégio. Ao completarem um ano de casamento, Emma recebe uma ligação, na qual revelam à jovem que o marido sofreu um trágico acidente e que seu corpo não foi encontrado em meio aos destroços do helicóptero no qual ele viajava. Naturalmente, ela fica devastada e busca o apoio dos pais neste momento difícil, voltando a viver em sua cidadezinha natal. Consumida por um turbilhão de emoções após o evento traumático, Emma rejeita a realidade da morte e resiste em retomar, por anos, as rédeas da própria vida. É apenas alguns anos mais à frente que, apoiada pela família, ela começa a avançar a partir de pequenos passos, voltando, por exemplo, a trabalhar na livraria dos pais. Emma também decide se ocupar aprendendo a tocar piano em seu tempo livre. Assim, ao ir à loja de instrumentos para comprar um, a jovem esbarra com um velho amigo, Sam, e seu coração volta a bater mais forte, algo que ela acreditava ser impossível. A contragosto, ela começa a aceitar, aos poucos, o fato de que Jesse se foi e que não há nada que ela possa fazer para mudar isso, e então se permite entregar aos seus sentimentos por Sam, de quem fica noiva posteriormente. Após sua festa de noivado, entretanto, um telefonema lhe tira completamente dos eixos: Jesse, o marido, está vivo e está voltando para casa.

A ideia de estar diante de uma situação tão desestabilizadora quanto a de Emma foi convertida aqui na agitação do mercado diante de duas opções à sua disposição: o tradutor humano e o *software* de tradução. Afinal, paralelo à pergunta “quem é o verdadeiro amor de Emma?”, de quem é que o mercado vai precisar de verdade? Do tradutor profissional, o qual lê e penetra nos textos com cautela e

humanidade? Do ChatGPT — representando, neste caso, *softwares* de tipo neural — , o qual traduz os textos de modo mais ágil e contém em si mesmo um suporte robusto de dados das mais diversas áreas do conhecimento? Ou, ainda, é possível que precise justamente dessa combinação?

Com esse impasse em mente, visamos, a partir das análises tradutórias realizadas com o respaldo teórico da Teoria dos Polissistemas, postulada por Even-Zohar (2013), e dos procedimentos técnicos da tradução elencados e recategorizados por Barbosa (2004), ir para além dos rumores alarmantes e investigar o modo como a IA tem efetivamente traduzido e como podemos esperar que ela se acomode na rotina das empresas.

À vista disso, este texto foi organizado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, faremos uma revisão sucinta da profissão tradutória humana ao longo da história, bem como uma breve revisão da evolução da IA ao longo das últimas décadas, com enfoque no desenvolvimento dos *softwares* que podem servir para a tradução automática de textos.

No segundo capítulo, por sua vez, apresentaremos o aporte teórico-metodológico empregado aqui.

No terceiro, realizaremos a análise dos fragmentos traduzidos por cada agente e partiremos então para a conclusão do capítulo.

No quarto e último, abordaremos a situação atual do mercado no que se refere à substituição do tradutor profissional no meio editorial.

E, por fim, apresentaremos as considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO I

A ATIVIDADE TRADUTÓRIA

1.1. A atividade tradutória profissional: uma breve revisão

Sabe-se que a atividade tradutória remonta a milhares de anos. Para Michaël Oustinoff, importante teórico e professor da tradução, a pergunta “O que é traduzir?” é uma pergunta impossível de responder sem levar em conta a dimensão histórica (Oustinoff, 2011, p. 8).

Por outro lado, segundo Campos e Hanes (2020, p. 7),

ainda que se considere a inequívoca importância da história da tradução e de seu entendimento, bem como de sua riqueza composta por centenas de anos de informações represadas e prontas para serem trazidas à tona em diferentes fontes de pesquisa, os estudiosos da tradução como um todo ainda têm demonstrado um interesse relativamente pequeno em explorá-la.

Soma-se a este fato a questão de que o surgimento da tradução, mais especificamente, é de difícil rastreamento ao longo da história, dado que a falta de registros precisos acerca da atividade se impõe a uma investigação mais assertiva e aprofundada. Acredita-se, porém, que a prática tradutória tenha surgido durante o Império Romano. Segundo Oustinoff (2011, p. 32), “as traduções efetuadas pelos romanos remontam ao século III a.C., com Lívio Andrônico, primeiro tradutor europeu conhecido”.

Oustinoff (2011, p. 12) também destaca que “embora não se encontre, em parte alguma, referências à tradução, ler a Bíblia a pressupõe, já que raros são os leitores capazes de ler o Antigo Testamento “no texto”, ou seja, no hebraico”. Ele enfatiza a impossibilidade de falar de tradução deixando de considerar os textos bíblicos, já que foram e continuam sendo, de longe, o objeto de maior empreendimento de tradução da história da humanidade, contando com a tradução para 2.233 línguas. Outro exemplo importante é o da pedra de Roseta (Oustinoff, 2011, p. 13), já que, se ela não contivesse a tradução de um texto redigido em hieróglifos e em demótico para o grego, a língua dos faraós teria permanecido impenetrável e, portanto, desconhecida.

Oustinoff (2011, p. 8) também afirma que a história da tradução é indissociável dos escritos sobre a tradução. Assim, no que se refere a discussões acerca da atividade tradutória na Antiguidade, vale destacar a importância da contribuição de Cícero em seu *Libellus de optimo genere oratorum*, o qual foi escrito em 46 a.C., depois de *Brutus* e de *Orator* (Vieira e Zoppi, 2011, p. 4). Ainda que as traduções ciceronianas tenham se perdido, ainda se tem acesso a esse valioso prefácio, do qual se pode apreender suas ideias acerca da tradução. Conforme os autores supracitados, suas reflexões acerca da atividade tornaram-se emblemáticas.

Embora a relevância dessa atividade seja há muito evidente — ainda que não exatamente reconhecida —, sua sistematização acadêmica, por outro lado, passou a ser tratada apenas a partir do século XX, quando James Holmes, importante poeta norte-americano e estudioso da tradução, passou a discutir, a partir da obra intitulada *The Name and Nature of Translation Studies* (1972), as possíveis razões pelas quais a tradução não havia ainda sido definida enquanto disciplina isolada. Vale acrescentar que, à época, a tradução, principalmente a técnica, era estudada no âmbito da linguística, enquanto que a literária era um ramo da disciplina de literatura comparada (Britto, 2012, p. 19).

Segundo Holmes (1972, *passim*), algumas das questões que serviam de obstáculo para a consolidação da disciplina até aquele momento eram: a falta de canais de comunicação adequados para abordar teorias, análises e pesquisas referentes à tradução, já que as mesmas eram distribuídas por revistas das mais diversas áreas, tais como a linguística e a literatura, por exemplo; a falta de um nome amplamente aceito e acordado entre os estudiosos e pesquisadores de tradução para designar a disciplina, dado que os mais variados termos eram empregados na época para se referir aos estudos acerca da atividade, como Tradutologia, Ciência da Tradução, Teoria da Tradução, etc., e, ainda, a falta de consenso em relação ao objetivo e à estrutura da disciplina. Com isso em mente, o autor propôs, a fim de contornar os obstáculos supracitados, que se entrasse em um acordo quanto à utilização de um único termo para referir-se à área. Sugeriu, portanto, o termo *Translation Studies*, ou, como ficou conhecido no Brasil, Estudos da Tradução, que, aos poucos, começou a ser amplamente utilizado para designar a área.

Até este momento, o que era considerada uma boa tradução era aquela que prezasse pela equivalência entre o texto original e o texto traduzido e, seguindo essa linha de pensamento, a tradução era percebida como a transmissão do mesmo sentido ou da mesma forma do texto original para o texto traduzido. Essa perspectiva provinha da Ciência da Tradução, movimento que se estabeleceu nos anos 1960 a partir de postulados de teóricos como Nida (2003), Catford (1980 [1965]) e Newmark (2003). Trata-se de um conceito que preza pela tentativa de encontrar uma equivalência exata entre o texto original e o texto traduzido, partindo do pressuposto de que os significados seriam estáveis e que a prática tradutória seria mera substituição de informações. Segundo Snell-Hornby (2006, p. 44 *apud* Britto, 2012, p. 19), importante estudiosa e professora de tradução britânica, Holmes também propôs a substituição do termo “equivalência” pelo termo “correspondência”, considerado mais modesto e realista pelo autor. Holmes chamou, ainda, a atenção para o fato de que traduzir não se tratava simplesmente de uma operação realizada sobre sentenças, mas sobre textos, que envolvem muito mais do que aspectos gramaticais, indo de encontro à perspectiva idealizada anteriormente. Assim, conforme Britto (2012, p. 20), Holmes e outros pioneiros do campo abriram caminho para o que ficou conhecido como a “Virada Cultural dos Estudos da Tradução”. Os teóricos da época, desse modo, passaram a defender que um texto só pode ser compreendido e, portanto, traduzido, quando visto enquanto um fenômeno cultural, situado em um contexto complexo que excede os aspectos estritamente linguísticos. Uma tradução eficaz, nessa concepção, deveria capturar não somente as palavras, mas também as nuances contidas em uma obra.

Profundamente influenciados por essas mudanças de perspectiva, teóricos relevantes como Itamar Even-Zohar (2013), teórico da cultura israelense, e Lawrence Venuti (2018), teórico da tradução norte-americano, passaram a formular abordagens voltadas para questões como o impacto cultural e ideológico, a resistência ao etnocentrismo e até mesmo a visibilidade do tradutor, sujeito tão apagado historicamente, como se pôde verificar. Nesse contexto, Venuti (2018) partiu dos conceitos abordados por Schleiermacher a fim de propor sua estratégia de visibilidade do tradutor (Snell-Hornby, 2012, p. 199). Adotou, assim, os conceitos de tradução domesticadora — o qual naturaliza o discurso do autor de forma a deslocá-lo em direção ao leitor — e estrangeirizadora — o qual, em sua concepção, dificulta a

legibilidade do texto enquanto estratégia de visibilidade, já que desloca o leitor em direção ao autor.

Nesta abordagem, Venuti (2018) defendeu que, tradicionalmente, a tradução tende a favorecer a domesticação, processo no qual o texto traduzido privilegia as normas culturais da língua de chegada, de modo a torná-lo mais fluido e familiar para o público-alvo. Esse processo, segundo o autor, pode resultar em uma perda significativa da riqueza cultural e das características únicas do texto original, responsáveis pela representação identitária de determinada nação. A estrangeirização, por outro lado, é uma estratégia que preza pela exploração e pelo acolhimento das peculiaridades do texto original, buscando conservar elementos culturais e linguísticos, desafiando o leitor, desse modo, a contemplar as diferenças entre as línguas de partida e de chegada. Ao promover a segunda, Venuti chamou a atenção para a importância das escolhas envolvidas nesse processo, o que evidencia o fato de que, conforme Oustinoff (2011, p. 22), a tradução nunca é completamente neutra ou transparente.

Ademais, no que concerne a essa mudança de paradigma, vale destacar a Teoria dos Polissistemas (2013), desenvolvida por Even-Zohar. Essa abordagem teórica contribui significativamente para a análise da relação entre a literatura, a língua, a tradução e a economia, por exemplo, já que as considera sistemas compostos por múltiplos subsistemas que se influenciam e interagem entre si constantemente, disputando espaço. No capítulo II, a abordaremos de modo mais aprofundado, mas segundo o teórico israelense:

Se assumirmos que o sistema literário, por exemplo, é isomorfo como o sistema social, a sua hierarquia pode apenas ser concebida na relação com os demais sistemas. A ideia de uma literatura menos estratificada tornando-se cada vez mais estratificada, conforme em outra ocasião sugeri como uma regra universal de sistemas (Even-Zohar, 1978, p. 39), pode ser assim entendida por causa das relações homólogas entre literatura e sociedade (Even-Zohar, 1990, p. 23).

Em suma, as abordagens supramencionadas, provenientes do período que ficou conhecido como a “Virada Cultural dos Estudos da Tradução”, destacam a tradução enquanto um ato cultural que pode influenciar e ser influenciado pelo

contexto literário no qual está inserido, o que é fundamental para compreender os mecanismos envolvidos tanto na tradução humana quanto na tradução automatizada. Esse período também resultou no surgimento de diversos movimentos nos Estudos da Tradução no Brasil, como é o caso do bacharelado em Letras-Tradução da UFJF, dedicado a formar tradutores não só com competência técnica para a tradução, mas também com conhecimentos amplos de natureza linguística, cultural e ética.

Ao ponderar, portanto, sobre questões como “O que é traduzir?”, deve-se considerar seu contexto de produção, intrinsecamente ligado a fatores como o contexto literário e econômico, por exemplo, já que esse processo é influenciado pelas necessidades e ideologias de cada época. Embora não faça parte do escopo deste trabalho discutir a questão levantada por Oustinoff (2011), abordaremos, ao final, com o auxílio da Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (2013), como esses fatores podem influenciar em sua produção.

1. 2. A evolução da IA e a atividade tradutória automatizada: uma breve revisão

O conceito de inteligência humana, por si só, é ainda amplamente discutido na literatura. Gardner (2000, p. 47), porém, buscou defini-lo enquanto o potencial biopsicológico de processamento de informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa determinada cultura. O conceito de IA, por sua vez, segundo Sichman (2021, p. 38) não possui uma definição acadêmica, propriamente dita, e, por isso, é preferível que se dê enfoque ao objetivo dessa área, que é desenvolver sistemas para realizar tarefas que, no momento, são mais bem realizadas por seres humanos que por máquinas ou que não possuem solução algorítmica viável pela computação convencional.

A ideia por trás da IA, bem como questões éticas e morais envolvidas em seu uso, muito antes de se concretizar, serviu de base para a construção de diversas obras de ficção científica, tais como *Erewhon*, de Samuel Butler (1970), *I, Robot* (2018), de Isaac Asimov, e *The Mechanical Bride* (2008), de Marshall McLuhan. Em meados da década de 1950, porém, avançando para além dos limites da ficção, Alan Turing, renomado matemático e cientista da computação, publicou um artigo intitulado

Computing Machinery and Intelligence, no qual buscava explorar a ideia a seguir: as máquinas são capazes de pensar?

Segundo Gomes (2023, p. 21), Turing apresentou também o jogo da imitação, conhecido hoje como o Teste de Turing (TT), cujo objetivo era testar a performance da máquina no que se refere à simulação do comportamento humano. Ela deveria, portanto, demonstrar sua capacidade de dialogar e responder a uma série de questões. Conforme o autor, o jogo era composto por três participantes, representados por A, B e C, sendo que C deveria ser um interrogador humano, A uma máquina digital e B outro ser humano. Os três participantes localizavam-se em salas separadas e a comunicação entre eles se dava apenas por mensagens digitadas. Ao final do jogo, se C não conseguisse identificar ou pelo menos não corretamente qual era a máquina, era possível então afirmar que a máquina executou com sucesso o jogo da imitação, passando no teste e sendo considerada, dessa maneira, inteligente.

Em 1956, também se deu a Conferência de Dartmouth College, em New Hampshire, nos Estados Unidos. Durante esse encontro, o termo “Inteligência Artificial” foi registrado pela primeira vez para se referir ao campo emergente (Russel; Norvig *apud* Barbosa; Bezerra, 2020, p. 93). Assim, conforme Lee (2019, p. 13), pioneiros da área estabeleceram uma missão com o propósito ambicioso de recriar, no mundo real, a inteligência humana em uma máquina, empreendimento que, para o autor, atrairia algumas das maiores mentes do campo da ciência da computação, tais como: Marvin Minsky, John McCarthy e Herbert Simon. Em 1966, também foi lançado o primeiro *chatbot* da história, ELIZA, desenvolvido por Joseph Weizenbaum no laboratório de IA do MIT (Barbosa; Bezerra, 2020, p. 95). Na época, conforme Silva (2024, p. 13), foi considerado inovador quando ELIZA foi capaz de imitar uma conversa humana ao utilizar uma abordagem de correspondência de padrões e substituição de texto. Conforme o autor, seu roteiro de “*doctor*”, que imitava um psiquiatra, dava a impressão de que o computador realmente compreendia e se relacionava com os sentimentos do usuário. Esses e outros fatores resultaram em um alto investimento no setor, acarretando, assim, o lançamento de diversas tecnologias interativas, como Parry, *chatbot* desenvolvido em 1972 por Kenneth Colby, o Dr. Sbaitso, que também foi considerado inovador por ser elaborado com IA e comando de voz em 1992, e o Google Assistant, capaz de executar tarefas e fazer recomendações com base no interesse do consumidor.

Segundo Lee (2019, p. 14), o campo da IA, posteriormente, dividiu-se em dois: a abordagem “baseada em regras” e a abordagem das “redes neurais”. Conforme o autor, pesquisadores do primeiro campo se empenhavam em ensinar os computadores a pensar codificando uma série de regras lógicas — se X, então Y. Para ele, a abordagem funcionava bem para jogos simples e bem definidos, mas conforme o universo de escolhas possíveis se expandia, ela sucumbia. No segundo campo, por outro lado, em vez de tentar ensinar o computador as regras que tinham sido dominadas por um cérebro humano, os especialistas buscaram reconstruí-lo na máquina (Lee, 2019, p. 14). Nessa abordagem, ao contrário da anterior, os construtores de redes neurais não disponibilizavam às redes regras a serem seguidas para a tomada de decisões. Eles apenas inseriam vastos exemplos acerca de um determinado fenômeno — como imagens, jogos de xadrez e sons — nas redes neurais e permitiam que as próprias redes detectassem padrões nos dados. Lee (2019, p. 15) enfatiza que quanto menos interferência humana nesse caso, melhor.

O especialista em IA destaca que apesar de as primeiras versões de redes neurais terem produzido resultados promissores dentre as décadas de 1950 e 1960, gerando também muita publicidade, durante os anos 1970, porém, a IA começou a mergulhar em um de seus primeiros “invernos”, período em que poucos investimentos foram aplicados ao segmento. Conforme Cozman (2018, p. 33), essa falta de financiamento ao longo do globo se deveu a diversas razões, mas uma delas se deu em 1974, quando um relatório encomendado pelo parlamento britânico indicou que a área falhava na prática. Lee (2019, p. 16) chama a atenção para o fato de que, por isso, nas décadas posteriores, as redes neurais desfrutaram de breves períodos de destaque, seguidos por um abandono quase que total. Para o autor, o que desencadeou o renascimento da IA que estamos vivendo hoje foram mudanças em duas das matérias-primas das quais as redes neurais se alimentam, somado a um grande avanço técnico. Segundo o especialista, as redes neurais necessitam de um grande poder de computação e de um grande volume de dados. Estes, conforme Lee (2019, p. 16), são os responsáveis por “treinar” o programa para reconhecer padrões a partir do fornecimento de diversos exemplos, enquanto que o poder computacional permite que o programa analise esses exemplos em alta velocidade.

Assim, conforme Lee (2019, p. 15), após décadas às margens da pesquisa de IA, as redes neurais ganharam destaque da noite para o dia, dessa vez sob a forma

do aprendizado profundo. Essa inovação, para ele, prometia derreter o gelo do último inverno da IA e, pela primeira vez, seria possível realmente utilizar sua capacidade para resolver uma série de problemas do mundo real. Dessa forma, pesquisadores, futuristas e CEOs de tecnologia começaram a chamar a atenção para o potencial do campo de decifrar a fala humana, traduzir documentos, reconhecer imagens, prever o comportamento de consumidores e muito mais. Em 1997, por exemplo, um relevante acontecimento chamou a atenção do público para o potencial evolutivo da tecnologia: o supercomputador Deep Blue, desenvolvido pela IBM, derrotou o até então imbatível campeão mundial de xadrez Garry Kasparov, provocando agitação em todo o mundo. Segundo Antunes (2020, p. 14), o supercomputador era capaz de avaliar até 200.000.000 de posições de xadrez por segundo, ao passo que Garry Kasparov tinha a capacidade de pensar em até três jogadas por segundo.

Em 2016, outro importante evento deu impulso aos investimentos em larga escala no que se refere à IA. O programa de computador AlphaGo da Google DeepMind derrotou o jogador profissional sul-coreano Lee Se-dol no jogo de tabuleiro Go — considerado um dos jogos mais complexos de todos os tempos (Lee, 2019, p. 13). Esses são apenas alguns exemplos de como as máquinas e os sistemas inteligentes vêm executando tarefas que até recentemente apenas os seres humanos eram capazes de realizar. Conforme Kaufman (2018, p. 3), embora esta possa ser considerada apenas mais uma década de revolução tecnológica, contando com certas restrições, esse avanço relativamente pequeno da IA tem trazido benefícios inéditos para a humanidade — e também muitas incertezas.

No que se refere à tradução, mais especificamente, em novembro de 2022, a OpenAI, fundada como entidade sem fins lucrativos em 2015, cuja proposta se baseava na promoção da pesquisa e da implementação da IA em benefício do homem, divulgou o lançamento do ChatGPT, seu *chatbot* online de IA capaz de realizar traduções de alta qualidade se comparado às tecnologias anteriormente desenvolvidas. Além disso, a plataforma também é capaz de processar e de gerar respostas de linguagem natural em uma ampla gama de idiomas — e até dialetos —, incluindo o português, o espanhol e o inglês, por exemplo, bem como de adequar o tom e o estilo das consultas que recebe (Castells, 2023 *apud* Ferreira, Garcia e Brasil, 2023, p. 133). Os autores chamam a atenção para o fato de que o ChatGPT é apenas um dos diversos modelos de IA em desenvolvimento na atualidade e, de acordo com

eles, seu impacto não tem precedentes, podendo ameaçar até mesmo a hegemonia do buscador do Google (Ferreira, Garcia e Brasil, 2023, p. 134).

O evento provocou alarde entre profissionais da tradução, na medida em que retomou a antiga discussão acerca da posição do tradutor profissional no mercado de trabalho em meio a constantes progressos tecnológicos, iniciada por volta de 2006 com o lançamento do Google tradutor, serviço de tradução instantânea de textos e de *websites* disponibilizado pela subsidiária da Google para uso popular. Para Ferreira, Garcia e Brasil (2023, p. 141), “ao que tudo indica, é atualmente, na primeira metade do século XXI, que o verdadeiro risco de as máquinas se mostrarem capazes de substituir, por completo, a mão de obra e a inteligência humana começa a aparecer”.

Até então, era possível ter acesso a ferramentas ou *softwares* bem mais singelos se comparados aos de hoje, como é o caso da Babylon, que, em 2008, destacava-se por fornecer tradução automática mundo afora. Hoje, no entanto, novas e melhores ferramentas e *softwares* de tradução surgem a todo momento. Conforme uma matéria publicada no jornal Exame, em 10 de janeiro de 2025, pudemos acompanhar, por exemplo, o lançamento do aplicativo do DeepSeek nas lojas, um *chatbot* de IA chinês que superou concorrentes como o ChatGPT em tempo recorde, tendo se tornado o aplicativo gratuito mais baixado nos Estados Unidos e na China. Conforme uma matéria da CNN publicada em 30 de janeiro de 2025, em apenas 48h, a plataforma chinesa de IA fez com que as “7 Magníficas” da indústria perdessem mais de US\$ 600 bilhões em valor.

1.3. Cenário e agitações atuais do mercado

Com base na seção anterior, é possível constatar que toda a agitação que o mercado vem sofrendo não é por acaso. Acredita-se que, neste ponto da história, estejamos vivendo a Quarta Revolução Industrial. Klaus Schwab, engenheiro e economista alemão-suíço, destrincha, em sua obra, intitulada “A Quarta Revolução Industrial” (2016), as diversas mudanças pelas quais já estamos passando e muitas outras que ainda vamos atravessar ao longo dos próximos anos.

Ferreira, Garcia e Brasil (2023, p. 131) afirmam que é inegável que, durante a Revolução Industrial, as máquinas substituíram diversos postos de trabalho, mas que, em contrapartida, novas funções foram criadas, possibilitando certa compensação.

Eles também chamam a atenção para o modo como o ChatGPT ganhou destaque nos últimos tempos e afirmam o seguinte:

Embora ainda seja cedo para cravar os reais impactos dessa plataforma na vida cotidiana, já se faz necessário pensar abordagens futuras da matéria para, simultaneamente, otimizar sua utilização em casos pertinentes e, em contrapartida, limitar seu uso para fins de burla à legislação ou a regras de empresas, universidades, etc. (Ferreira; Garcia; Brasil, 2023, p. 131).

A falta de regulamentação mencionada pelos autores tem também provocado apreensão em diversos segmentos, dado que, apesar de todos os seus benefícios, os riscos acarretados pelo uso indevido de IA se evidenciam mais a cada dia. Toda sorte de notícias preenche as manchetes a todo instante, seja para enfatizar uma possível substituição — nos mais variados setores — ou para contrariar essa possibilidade.

No ramo da tradução, conforme uma notícia publicada no jornal O Globo em 2019, algumas questões importantes são levantadas, como “Uma máquina será capaz de tantas nuances quanto um ser humano?” e “Quem será responsabilizado quando traduções de inteligência artificial derem errado?”.

Com essas questões em mente é que propusemos este trabalho. Mais adiante, abordaremos essas discussões de modo mais aprofundado.

A seguir, exporemos o aporte teórico-metodológico utilizado aqui.

CAPÍTULO II

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

A pesquisa, em geral, conforme Marshall e Rossman (2021, p. 21), consiste na tentativa de compreender melhor as intrincadas experiências da humanidade. Neste trabalho, como mencionamos anteriormente, o que buscamos analisar e compreender é o modo como o ChatGPT tem traduzido, efetivamente, textos literários, comparando essas traduções à tradução humana — neste caso, a de Alexandre Boide.

A análise deste trabalho será realizada a partir de uma metodologia de natureza qualitativa (Marshall; Rossman, 2021) e decorrerá de cinco fragmentos do romance de Taylor Jenkins Reid, *One True Love(s)*, tanto em sua versão original quanto em suas respectivas traduções para o português brasileiro. Contaremos, também, com a proposta de recategorização dos procedimentos técnicos da tradução por Barbosa (2004) e com a Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (2013) para analisar o contexto de produção de cada tradução e suas especificidades, as quais destrincharemos a seguir.

1.1. A proposta de recategorização dos procedimentos técnicos de Barbosa

Na obra intitulada *Procedimentos técnicos da tradução*, Barbosa (2004) propõe uma tentativa de recharacterização e recategorização dos procedimentos técnicos da tradução inicialmente descritos por Vinay e Darbelnet (1977) em 1958 (Barbosa, 2004, p. 11). Como passos anteriores a essa tentativa, a autora busca identificar, na literatura, quais seriam as principais áreas de tensão no âmbito dos Estudos da Tradução. Após um estudo cuidadoso e aprofundado, chega à conclusão de que são: a possibilidade ou impossibilidade da tradução, a divergência entre tradução livre e tradução literal e a oposição entre tradução técnica e tradução literária, refletida tanto na literatura quanto nas tabelas de preços cobradas por tradutores juramentados e autônomos (Barbosa, 2004, p. 11-12). Devido ao fato de haver um grande volume de traduções realizadas a todo instante simultaneamente, porém, a autora abandonou a ideia de efetuar sua reflexão em torno da primeira — a possibilidade ou impossibilidade da tradução — por parecer-lhe uma discussão estéril (Barbosa, 2004, p. 12).

Barbosa (2004) considera como questão central em seu trabalho a oposição entre tradução livre e literal, pois, segundo ela, o que está em jogo, neste caso, é o modo como a tradução deve ou não ser feita. Essa questão, para ela, engloba a terceira área de tensão, aquela entre tradução literária e técnica, a qual também se refere a uma oposição entre “modos de traduzir”, um supostamente adequado ao texto literário e o outro, ao técnico, que é a questão que ela deseja tratar com os procedimentos técnicos da tradução (Barbosa, 2004, p. 12). Ela então faz a seguinte provocação: no que se refere à questão da fidelidade, a qual remete imediatamente à tensão entre conteúdo e forma, a tradução deve ser literal, palavra-por-palavra, mantendo a fidelidade à forma e se manter fiel apenas ao conteúdo, ou deve, ainda, ser alguma outra coisa? (Barbosa, 2004, p. 12-13). Ao expor sua proposta de recategorização dos procedimentos técnicos da tradução, a autora visa apresentar uma visão que não se prenda apenas à tensão entre tradução livre e tradução literal, o que julgamos ser extremamente útil para um estudo que serve para comparar trechos traduzidos tanto por um tradutor profissional quanto por um *software* de IA.

Barbosa considera, em sua proposta, um total de treze procedimentos, quais sejam: a tradução palavra-por-palavra, a tradução literal, a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão vs. a explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos, as melhorias, a transferência — a qual engloba o estrangeirismo, a transliteração, a aclimatação e a transferência com explicação —, a explicação, o decalque e a adaptação, os quais descreve logo em seguida (Barbosa, 2004, p. 64).

A tradução palavra-por-palavra, conforme Barbosa (2004, p. 64), é caracterizada em seu trabalho segundo a definição de Aubert (1987, p. 15), em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na língua traduzida mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, por exemplo: “*he wrote a letter to the mayor*”, cuja tradução seria, neste caso, “ele escreveu uma carta para o prefeito”. Seu uso, porém, é restrito, já que uma convergência tão grande entre as línguas é rara (Barbosa, 2004, p. 65).

A tradução literal, por sua vez, é caracterizada por Barbosa seguindo as definições de Catford (1965), Newmark (1988) e Aubert (1987). Este último (1987, p. 15) considera a tradução literal como “aquela que mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando, porém, a morfossintaxe às normas gramaticais da LT”. Barbosa observa o fato de muitos autores parecerem repudiar a tradução literal, mas chama a

atenção para o fato de que, em determinados tipos de tradução, conforme os apontamentos de Aubert (1987) e Newmark (1988), ela pode ser necessária, como em um tipo de tradução cujo objetivo é a comparação com o texto original, como em certas edições bilíngues (Barbosa, 2004, p. 65-66).

Já a transposição consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir, conforme Barbosa (2004, p. 66). Ela exemplifica este procedimento da seguinte maneira: “*She said reproachfully*”, cuja tradução poderia ser “ela disse, censurando”, em que o advérbio “*reproachfully*” é substituído pelo verbo “censurando”. Outra tradução possível, segundo a autora, seria “ela disse, em tom de reprovação”, o que a faz destacar que há mais de uma opção de tradução para cada segmento, o que indica que este procedimento não é obrigatório, podendo-se utilizar, em vez disso, a tradução literal, como, por exemplo “ela disse, recriminadoramente” (Barbosa, 2004, p. 66).

A modulação, por outro lado, consiste em reproduzir a mensagem do texto original no texto traduzido, mas sob um ponto de vista diverso, o que, segundo Barbosa (2004, p. 67), reflete uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real, como, por exemplo: “*like the back of my hand*”, cuja tradução seria “como a palma da minha mão”. Nesse caso, ressalta Barbosa (2004, p. 67), a modulação é obrigatória, mas esse procedimento pode também ser facultativo, refletindo, então, uma diferença de estilo, aspecto abordado por Vinay e Darbelnet (1977) conforme o exemplo a seguir: “*It is easy to demonstrate*” para “Não é difícil demonstrar”, diferentemente do que seria uma tradução literal, como “é fácil demonstrar”. Barbosa ressalta que esse procedimento foi anteriormente definido por Vinay e Darbelnet (1977), Vázquez-Ayora (1977) e Newmark (1981, 1988).

Já a equivalência consiste em substituir um segmento de texto da língua original por um outro segmento na língua traduzida que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente (Barbosa, 2004, p. 67). É normalmente aplicado a clichês, expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares e outros elementos cristalizados da língua, acrescenta a autora, como nos exemplos a seguir: “*God bless you*” para “Saúde!” e “*Truly yours*” para “Atenciosamente” (Barbosa, 2004, p. 68). A autora chama a atenção para o fato de que Newmark (1981, 1988) considera o equivalente cultural, o equivalente funcional e o equivalente descritivo como procedimentos independentes, mas todos eles estão englobados na proposta da

autora sob a equivalência somente, considerada como um procedimento mais geral (Barbosa, 2004, p. 68). Como observado antes, o conceito de equivalência foi discutido ao longo das décadas na literatura, tendo Holmes proposto que se falasse, em vez disso, em “correspondência” (Snell-Hornby, 2006, p. 44 *apud* Britto, 2012, p. 19), mas o termo foi incluído deste modo nesta tentativa de recategorização.

No que se refere à omissão vs. a explicitação, por sua vez, a primeira consiste em omitir elementos do texto original que, do ponto de vista da língua traduzida, são desnecessários ou repetitivos (Barbosa, 2004, p. 68). Na tradução do inglês para o português, Barbosa destaca como exemplo a omissão de pronomes pessoais, considerados essenciais na língua inglesa, mas, do ponto de vista do português, considerados enquanto uma repetição excessiva, já que a segunda língua, auxiliada pelas desinências verbais que deixam claro a quem a pessoa se refere, costuma omitir o pronome pessoal na posição de sujeito (Barbosa, 2004, p. 68). No caso da versão da língua portuguesa para a língua inglesa, porém, acrescenta Barbosa, o procedimento inverso, isto é, a explicitação, se tornaria necessário, uma vez que a presença de pronomes pessoais é obrigatória no inglês (Barbosa, 2004, p. 68).

A compensação, por outro lado, consiste em deslocar um recurso estilístico, ou seja, quando não for possível reproduzir no mesmo ponto no texto traduzido um determinado recurso utilizado no texto original, o tradutor pode utilizar outro, de efeito equivalente, em outro ponto do texto, de acordo com Barbosa (2004, p. 69). Os trocadilhos, exemplifica ela, quando não podem ser efetuados com um mesmo grupo de palavras, podem ser feitos em outro ponto do texto onde sejam possíveis, a fim de equilibrar o texto estilisticamente (Barbosa, 2004, p. 69).

Já a reconstrução de períodos, segundo Barbosa (2004, p. 70), consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações do original ao passá-los para a língua traduzida, algo comum na tradução do português para o inglês, por exemplo, em que muitas vezes é necessário distribuir as intrincadas orações do português em períodos mais curtos em inglês (Barbosa, 2004, p. 70).

As melhorias, por sua vez, consistem em não repetir na tradução os erros cometidos no texto original (Barbosa, 2004, p. 70). Um exemplo seriam erros gramaticais, que podem ser corrigidos na tradução caso o objetivo não seja refletir seu idioleto (Barbosa, 2004, p. 70).

Já a transferência, conforme Barbosa (2004, p. 71), consiste em introduzir material da língua original para a língua traduzida e pode assumir as formas a seguir: estrangeirismo, estrangeirismo transliterado ou transliteração, estrangeirismo aclimatado ou aclimatação e estrangeirismo com explicação de seu significado, que pode se dar por meio de uma nota de rodapé ou por meio de sua diluição no texto.

O decalque, por outro lado, segundo Barbosa (2004, p. 76), consiste em traduzir literalmente sintagmas ou tipos frasais da língua original no texto traduzido, abandonando, assim, a confusão que se criou em torno do termo empregado por Vinay e Darbelnet (1977), já que muitos autores interpretavam o decalque enquanto uma aclimatação do empréstimo linguístico (Barbosa, 2004, p. 76).

Por fim, Barbosa (2004, p. 76) dissecou a adaptação, considerada o limite extremo da tradução, aplicada em casos nos quais a situação toda a que se refere a língua original não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT e, assim, essa situação pode ser recriada por uma equivalente na realidade extralinguística da língua traduzida. A autora fornece o seguinte exemplo para este procedimento técnico da tradução: ao traduzir manuais americanos de treinamento de pessoal para uma firma brasileira, Barbosa, enquanto tradutora, recebeu a exigência de que os nomes dos personagens citados nas histórias de caso, bem como as cidades, deveriam ser substituídos por nomes brasileiros, a fim de aproximar a realidade dos empregados do Brasil às situações citadas nos exemplos, sem que isso alterasse o conteúdo da teoria de trabalho em equipe que se desejava veicular.

1.2. A Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar

A Teoria dos Polissistemas foi desenvolvida por Even-Zohar (2013) e, nela, o teórico da cultura israelense buscou compreender o modo como obras literárias são traduzidas. Ela foi considerada revolucionária nos Estudos da Tradução, propondo uma visão sistêmica e dinâmica da cultura ao procurar compreender como os textos traduzidos interagem com a literatura de uma cultura, podendo ocupar posições centrais ou periféricas dentro desse sistema.

Em linhas gerais, essa perspectiva desafiou a noção de sistema defendida por Saussure (1915), o qual concebia a língua como um sistema estático. Na concepção saussureana, o estudo da língua deveria se concentrar apenas em um determinado

momento, de forma a desconsiderar elementos ulteriores, isto é, mudanças históricas. Even-Zohar, do contrário, enxergou os sistemas culturais e literários como dinâmicos, sujeitos a mudanças e a influências externas. Sua abordagem, assim, levou em consideração tanto a sincronia quanto a diacronia, de forma a destacar que os sistemas estão sempre passando por transformações e interações constantes entre si (Even-Zohar, 2013, p. 2).

Ele também utilizou o termo “polissistema” para destacar a ideia de que a cultura, bem como a literatura e outros fenômenos, não funciona como um sistema único e homogêneo, mas sim como um conjunto de múltiplos sistemas que se relacionam e competem entre si. No contexto deste trabalho, consideramos que a proposição de Even-Zohar serve também para analisar as relações entre a tradução, a tecnologia, a economia e a literatura, já que é possível considerar que, neste modelo dinâmico, esses diferentes sistemas competem entre si e se transformam mutuamente. Isso ficará mais claro após a análise dos fragmentos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III

AMOR(ES) VERDADEIRO(S): ANÁLISE E COMPARAÇÃO DAS RESPECTIVAS TRADUÇÕES

1.1. Análise

A partir de agora, avançaremos para a análise qualitativa dos trechos selecionados para o estudo. No total, contamos com cinco fragmentos traduzidos pelo ChatGPT — na versão 4.0 — e pelo tradutor profissional Alexandre Boide, respectivamente.

Antes de inserir cada fragmento no ChatGPT, disponibilizamos, previamente, um *prompt* simples que fornecesse à máquina o contexto necessário para a realização da tradução de cada fragmento, redigido desta forma: “Faça uma tradução editorial do seguinte excerto de *One True Loves*, romance de Taylor Jenkins Reid, escritora best-seller norte-americana. Essa tradução será publicada por um selo editorial responsável por lançar, majoritariamente, obras românticas para um público jovem, de 12 a 20 anos”. Para cada fragmento que inserimos na plataforma, também fornecemos, de antemão, um *prompt* que informasse ao *chatbot* o contexto da cena em questão a fim de que nenhuma informação se perdesse. Vale acrescentar que esses *prompts* não foram elaborados por um especialista em IA e, por isso, podem conter imperfeições.

Precedendo a análise, é preciso dizer que inserimos aqui cada trecho do modo como ele nos foi devolvido pelo *software*, sem realizar uma alteração sequer. Outro ponto importante é que os fragmentos completos exibidos abaixo se destinaram a servir como informações contextuais, mas a análise se concentrará em uma ou mais frases selecionadas de modo randômico para ambos os agentes.

Passemos, então, às análises.

Quadro 1 - Fragmento I

Original	ChatGPT 4.0	Alexandre Boide
“What happened?” I asked. “What always happens, I guess”	“O que houve?” perguntei. “O que sempre acontece, eu acho.”	“O que aconteceu?”, perguntei. “O que sempre acontece, acho.”

<p>“Werewolf got her?” I asked him. He laughed and looked at me. “Yeah, brutal. Took her right out of my arms.”</p> <p>(Kindle)</p>	<p>“Um lobisomem a pegou?” perguntei a ele. Ele riu e olhou para mim. “É, foi brutal. Tirou ela bem dos meus braços”.</p>	<p>“O lobisomem levou ela embora?”, provoquei. Ele deu risada e se virou para mim. “Pois é, foi brutal, arrancou ela dos meus braços”.</p> <p>(p. 111)</p>
---	---	--

ChatGPT. Dados coletados em 29/08/2024.

A cena acima retrata um momento descontraído entre dois personagens — Emma, a protagonista, e Sam, seu interesse romântico nesta fase da narrativa — durante seu primeiro encontro, no qual ambos compartilham entre si histórias de suas experiências românticas frustradas. Neste momento, Sam reflete acerca do que poderia ter ocasionado o fracasso de seu último relacionamento e Emma então busca aliviar a tensão ao fazer uma piada.

O *prompt* utilizado para contextualizar a cena para o *software* foi: “Traduza, para o português brasileiro, o diálogo a seguir, que se dá durante o encontro da protagonista com o rapaz por quem ela está apaixonada”. A primeira frase escolhida de forma randômica para a análise em ambos os casos nesse trecho, foi: “*He laughed and looked at me*”.

No que concerne à primeira tradução, realizada pelo ChatGPT, na versão 4.0, dentre os procedimentos técnicos da tradução descritos e recategorizados por Barbosa (2004), o principal procedimento averiguado em sua tradução — que foi “Ele riu e olhou para mim” — foi a tradução literal, já que foram utilizados vocábulos cuja semântica seja correspondente (Vázquez-Ayora, 1977, *apud* Barbosa, 2004).

Na segunda tradução, por outro lado, realizada pelo tradutor profissional Alexandre Boide, o procedimento principal identificado na frase traduzida — que foi “Ele deu risada e se virou para mim” — foi a transposição, já que o verbo “*laugh*” foi transformado no substantivo “risada”, em português. Convém observar que, na realidade, embora possa ser categorizado dessa maneira conforme os procedimentos de Barbosa, trata-se de uma construção verbo-suporte, que é mais informal, resultando em “dar risada”.

É possível perceber, também, um procedimento técnico que ambos os agentes realizaram na tradução de outra frase, qual seja: *“Yeah, brutal. Took her right out of my arms”*. Nesse caso, ambos empregaram a explicitação (Barbosa, 2004). Isso porque, no primeiro caso — “É, foi brutal. Tirou ela bem dos meus braços” —, pudemos verificar a adição do verbo “ser” no passado, enquanto que, no segundo — “Pois é, foi brutal, arrancou ela dos meus braços” —, essa explicitação se evidenciou ainda mais, já que o tradutor profissional, além de inserir o mesmo verbo no passado, inseriu também a palavra “Pois”. Em sua tradução, também é possível observar que o sentido de *“right”* — em *“right out of my arms”* — foi perdido.

Além disso, uma diferença interessante entre as duas traduções foi o uso de “provoquei” em vez de “perguntei” na versão de Boide para *“I asked him”*. Essa escolha pode ou não ter sido feita pelo tradutor, já que, no processo de edição de um livro, diversos profissionais estão envolvidos no trabalho com o texto, desde os editores até os revisores. O ChatGPT, por sua vez, optou por traduzir a frase como “perguntei a ele”, trazendo um tom mais formal para a cena que, neste caso, não parece tão bem-vindo, considerando a casualidade presente na cena entre os dois personagens. A de Boide, vale acrescentar, mantém um tom mais descontraído.

Quadro 2 - Fragmento II

Original	ChatGPT 4.0	Alexandre Boide
When Marie finds out the store is being handed over to you, she gets upset. She accuses you of taking it from her. You tell her you're just picking up the ball that she dropped. The two of you erupt. She's yelling and you're yelling. In anger, she screams, "Oh, please. We all know you're the favorite. Perfect Miss Emma who does	“Quando Marie descobre que a loja vai ser passada para você, ela fica chateada. Ela te acusa de ter tirado isso dela. Você diz que só está pegando a bola que ela deixou cair. As duas explodem. Ela está gritando e você também. Com raiva, ela grita: "Ah, por favor. Todo mundo sabe que você é a favorita. A perfeita	“Quando Marie descobre que a livraria está sendo entregue a você, fica chateada. E acusa você de tirá-la dela. Você responde que só está levando adiante aquilo que ela abandonou. Os ânimos se exaltam. Ela grita e você grita de volta. Louca de raiva, ela berra: — Ah, qual é. Todo mundo sabe que você é a favorita.

everything exactly as Mom and Dad want.” (Kindle)	Senhorita Emma, que faz tudo exatamente como a mamãe e o papai querem”.	A Emma perfeitinha, que faz tudo o que o papai e a mamãe querem”. (p. 85)
--	---	--

ChatGPT. Dados coletados em 29/08/2024.

A cena acima retrata uma briga entre as irmãs Blair, que começam a discutir depois de os pais repassarem a livraria para a filha mais nova, Emma. Marie, a irmã mais velha, sente-se traída por perder a chance de tocar o negócio da família e, a partir de então, é possível acompanhar o avanço da tensão até o momento em que a primogênita explode.

O *prompt* utilizado para contextualizar a cena para o *software* foi o seguinte: “Traduza, para o português brasileiro, o diálogo a seguir, que retrata uma discussão entre duas irmãs após os pais passarem o negócio da família (uma livraria) à filha mais jovem”. A frase escolhida para a análise em ambos os casos nesse fragmento, por sua vez, foi “*You tell her you’re just picking up the ball that she dropped*”.

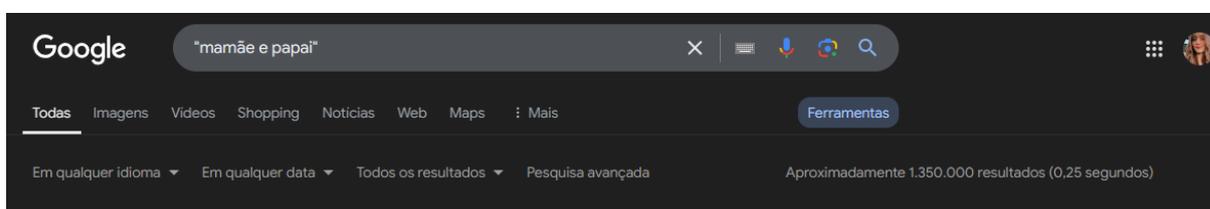
No que concerne à primeira tradução, realizada pelo ChatGPT — “Você diz que só está pegando a bola que ela deixou cair” — um procedimento técnico principal da tradução, conforme Barbosa (2004), se destaca: a tradução literal. Isso porque a máquina “pegou emprestada” uma expressão da língua inglesa, traduzindo-a literalmente, sem buscar uma expressão correspondente no português brasileiro.

Na segunda tradução, o que pudemos observar foi um procedimento técnico principal: a equivalência (Vinay e Darbelnet, 1977 *apud* Barbosa, 2004). Isso porque a expressão “Você responde que só está levando adiante aquilo que ela abandonou” recupera o sentido expresso originalmente de modo que a expressão encontre uma funcionalidade equivalente, embora resulte em uma perda de idiomaticidade da expressão, gerando, assim, uma tradução um pouco menos dinâmica em relação ao original.

Vale apontar para outras questões relevantes presentes neste mesmo fragmento, ao todo, como, por exemplo, o fato de que, na segunda tradução, ocorrem dois procedimentos não contemplados pelas definições e descrições de Barbosa: a adição e a inversão. A primeira acontece quando o termo “louca” é adicionado no texto

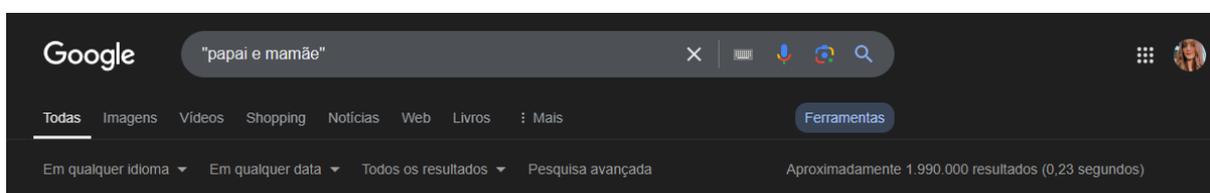
traduzido por Boide — “Louca de raiva, ela berra” — e a segunda, por sua vez, com o termo “*mom and dad*”, que foi traduzido inversamente para “papai e mamãe”. Uma possível explicação para o segundo caso seria o fato de essa colocação ser mais frequente no português conforme consultado nas ocorrências do Google, contando com 1.990.000 resultados, enquanto que “mamãe e papai” é considerada menos colocada, contando com 1.350.000 resultados. Esse dado foi encontrado a partir da aba de “ferramentas” do sistema de busca na *web*, como demonstramos abaixo, a partir das Figuras 1 e 2.

Figura 1 - Tela inicial do Google, com a aba "Ferramentas" ativada



Fonte: imagem retirada do Google

Figura 2 - Tela inicial do Google, com a aba "Ferramentas" ativada



Fonte: imagem retirada do Google

Também gostaríamos de chamar a atenção para a solução criativa de Boide para “*Perfect Miss Emma*” — “A Emma perfeitinha” —, que recupera, por meio do diminutivo, o tom jocoso presente no original quando Marie se dirige à irmã mais nova.

Outra questão que gostaríamos de destacar foi a proposição do ChatGPT para “*When Marie finds out the store is being handed over to you, she gets upset*” — “Quando Marie descobre que a loja vai ser passada para você, ela fica chateada” —, especificamente no que se refere ao uso de “passada para você” em vez de “entregue a você”, o que parece recuperar a imagem de transmitir algo com as mãos a outra pessoa, originalmente expresso por meio do termo “*handed over*”.

Quadro 3 - Fragmento III

Original	ChatGPT 4.0	Alexandre Boide
<p>“The only thing that was weird about it was how not weird it was. In an instant, Jesse went from someone I saw from afar to someone I felt like I’d been talking to my entire life. I wasn’t intimidated, as I always imagined I’d be. I wasn’t even nervous. It was like spending years training for a race and finally getting to race it.”</p> <p>(Kindle)</p>	<p>“A única coisa estranha nisso tudo foi o quanto não parecia estranho. Em um instante, Jesse passou de alguém que eu via de longe para alguém com quem eu sentia que estava conversando minha vida inteira. Eu não fiquei intimidada, como sempre imaginei que ficaria. Eu nem sequer estava nervosa. Era como passar anos treinando para uma corrida e finalmente ter a chance de correr”.</p>	<p>“A única coisa esquisita na situação foi que não pareceu nada esquisita. Em um piscar de olhos, Jesse passou de alguém distante para uma pessoa com quem eu parecia ter uma proximidade de uma vida toda. Não me senti intimidada, como imaginei. Nem ao menos fiquei nervosa. Foi como se tivesse treinado a vida inteira para a corrida e finalmente fosse dada a largada”.</p> <p>(p. 46)</p>

ChatGPT. Dados coletados em 29/08/2024.

A cena acima retrata o momento em que Emma, a protagonista, dissecar os próprios sentimentos em relação a Jesse, por quem é apaixonada desde a adolescência.

O *prompt* utilizado para contextualizar a cena para o *software* foi o seguinte: “Traduza, para o português brasileiro, o trecho a seguir, que retrata a protagonista descrevendo os próprios sentimentos por Jesse, por quem é apaixonada desde jovem”. A frase selecionada para análise, por sua vez, foi: “*In an instant, Jesse went from someone I saw from afar to someone I felt like I’d been talking to my entire life*”.

Na tradução realizada pelo *chatbot* da OpenAI — “Em um instante, Jesse passou de alguém que eu via de longe para alguém com quem eu sentia que estava conversando minha vida inteira” —, o que se pôde verificar foi a presença proeminente

do seguinte procedimento técnico: a tradução literal. Isso porque, neste caso, o que acontece é um foco demasiado na preservação da forma e da estrutura do original, o que gera, certamente, estranheza na língua portuguesa.

Já na tradução realizada por Boide, o uso de um procedimento técnico principal pôde ser averiguado: o da equivalência, conforme a recategorização de Barbosa (2004). Ele pode ser percebido na tradução a seguir: “Em um piscar de olhos, Jesse passou de alguém distante para uma pessoa com quem eu parecia ter uma proximidade de uma vida toda”. Isso porque o tradutor optou por não se ater demasiadamente à forma do original, preferindo, em vez disso, escolhas que prezassem pelo significado e pela função da mensagem expressa originalmente. Isso se reflete, por exemplo, na escolha de “Em um piscar de olhos”, que mantém o tom casual presente no original, diferentemente de “Em um instante” — tradução do ChatGPT — que, em comparação, na língua portuguesa, pode trazer a impressão de soar mais formal. Vale acrescentar que, em sua tradução, a ideia de “*always*” — em “*I wasn’t intimidated, as I always imagined I’d be*” — também se perdeu, como se pode verificar em: “Não me senti intimidada, como imaginei”, configurando-se, possivelmente, como uma espécie de apagamento.

Quadro 4 - Fragmento IV

Original	ChatGPT 4.0	Alexandre Boide
<p>“I look at myself in the mirror. My eyes are glassy and bloodshot. The skin around them is blotched red. The diamond ring on my finger catches the dingy yellow light.”</p> <p>(Kindle)</p>	<p>“Eu me olho no espelho. Meus olhos estão vidrados e vermelhos. A pele ao redor deles está manchada de vermelho. O anel de diamante no meu dedo reflete a luz amarelada e desgastada”.</p>	<p>“Me vejo no espelho. Meus olhos estão opacos e injetados. A pele ao redor está vermelha. O anel de diamante no meu dedo reflete a luz fraca”.</p> <p>(p. 146)</p>

ChatGPT. Dados coletados em 29/08/2024.

O trecho acima retrata uma cena de fragilidade de Emma, a qual, ao vivenciar um momento de luto, encara seu reflexo no espelho, surpreendendo-se com o aspecto cansado presente em suas feições.

O *prompt* utilizado para contextualizar a cena para o ChatGPT foi o seguinte: “Traduza, para o português brasileiro, o trecho a seguir, que retrata a protagonista descrevendo a si mesma diante do espelho”. Já a frase escolhida para a análise, em ambos os casos, foi: *“My eyes are glassy and bloodshot”*.

É possível afirmar que, nas duas traduções, o procedimento técnico principal identificado foi o da equivalência, já que tanto a tradução do ChatGPT — “Meus olhos estão vidrados e vermelhos” — quanto a tradução de Alexandre Boide — “Meus olhos estão opacos e injetados” — para a frase original podem ser consideradas expressões correspondentes na língua portuguesa. Pode-se dizer, porém, que a tradução do *chatbot* captou com mais especificidade a ideia de *“glassy”*. Uma diferença relevante entre elas, por outro lado, foi a diferença da tradução do termo *“I look”*, que resultou em “me olho” na versão do ChatGPT e “me vejo” na versão de Alexandre Boide. Neste caso, é possível afirmar que as escolhas trazem conotações diferentes, já que a primeira traz a ideia de se olhar rápida e superficialmente, enquanto que a segunda carrega a ideia de se deter em frente ao espelho, analisando-se com mais profundidade.

Vale mencionar, também, a omissão realizada em outro trecho pelo tradutor profissional, que não transmite a palavra *“yellow”* para a língua portuguesa, como é possível averiguar a seguir: *“The diamond ring on my finger catches the dingy yellow light”*, cuja tradução foi “O anel de diamante no meu dedo reflete a luz fraca”. A cor da luz, nesse caso, que é amarela, desaparece na versão traduzida por Boide. A omissão, segundo Barbosa (2004, p. 68), consiste na eliminação de elementos considerados desnecessários na língua traduzida, como é o caso dos pronomes possessivos na língua portuguesa, mas não se aplica a este caso. Assim, consideramos que, neste contexto, o procedimento realizado aqui não é contemplado pela proposta de Barbosa (2004) e, nesse sentido, acreditamos que seria interessante propor a expansão da categoria para a omissão até mesmo de elementos considerados necessários ou a adição de uma nova categoria — podendo ser intitulada “apagamento”, por exemplo.

Outro procedimento aplicado na tradução de Boide para a frase posterior à selecionada para análise — “*The skin around them is blotched red*” — foi a omissão (Barbosa, 2004) do pronome possessivo “deles” — “A pele ao redor está vermelha” — , o que, neste caso, é considerada necessária conforme os padrões da língua portuguesa escrita. A escolha, por essa razão, torna a frase mais fluida em comparação à frase traduzida pelo ChatGPT — “A pele ao redor deles está manchada de vermelho”. A versão do *software*, porém, recupera o sentido de “manchado” expresso originalmente por “*blotched*” perdida na do tradutor profissional. Neste caso, especificamente, não consideramos que se trata de uma omissão, nos termos de Barbosa (2004) e salientamos que ou a categoria poderia ser expandida ou poderia surgir uma nova, que englobasse essa espécie de apagamento.

Quadro 5 - Fragmento V

Original	ChatGPT 4.0	Alexandre Boide
<p>“We stepped over gum and we made way for other pedestrians and we bent down to pet dogs. We walked past Harvard dorms and Harvard Yard. Twice we walked past a T stop and I wondered if we both wouldn’t gravitate toward it, using it as a way to say good-bye.” (Kindle)</p>	<p>“Nós desviamos de chicletes no chão, abrimos caminho para outros pedestres e nos abaixamos para acariciar cachorros. Passamos pelos dormitórios de Harvard e pelo Harvard Yard. Duas vezes passamos por uma estação do metrô, e eu me perguntei se não iríamos nos inclinar para ela, usando-a como uma maneira de nos despedir”.</p>	<p>“Pisamos em chicletes, abrimos caminho para outros pedestres e paramos para brincar com cachorros. Passamos pelos alojamentos de Harvard e pelo gramado do Harvard Yard. Passamos por duas estações de metrô, e fiquei me perguntando se não iríamos entrar para cada um seguir seu caminho e nos despedirmos”.</p> <p>(p. 110)</p>

ChatGPT. Dados coletados em 29/08/2024.

Na cena em questão, Emma, a protagonista, compartilha um momento leve com o namorado, Sam.

O *prompt* utilizado para contextualizar a cena para o ChatGPT foi o seguinte: “Traduza, para o português brasileiro, o trecho a seguir, que retrata dois jovens da história passeando juntos pela rua”. Já a frase escolhida para a análise, em ambos os casos, foi: “*We stepped over gum and we made way for other pedestrians and we bent down to pet dogs*”.

Em ambas as traduções, um procedimento técnico principal pôde ser identificado: a omissão, conforme Barbosa (2004), de pronomes possessivos em excesso. Na primeira — “Nós desviamos de chicletes no chão, abrimos caminho para outros pedestres e nos abaixamos para acariciar cachorros” —, caso o *software* tivesse seguido a estrutura do original à risca, o pronome “*we*” teria sido traduzido por “nós” três vezes neste excerto, mas ele só aparece uma vez. Na segunda, os pronomes não aparecem sequer uma vez, já que foram representados pelas desinências — “pisamos, abrimos, paramos”.

Em geral, contudo, podemos também apontar a tradução literal, conforme Barbosa (2004), como um dos procedimentos empregados pelo *chatbot*, considerando, por exemplo, sua tradução de “*and I wondered if we both wouldn't gravitate toward it*” para “e eu me perguntei se não iríamos nos inclinar para ela”.

Outro aspecto interessante no contexto geral da cena foi o fato de que o tradutor profissional optou por traduzir “Harvard Yard” para “o gramado do Harvard Yard”. Isso, nos termos de Barbosa (2004), configura-se como um estrangeirismo aclimatado — também conhecido como aclimatação —, já que o tradutor adota um estrangeirismo, mas também o adapta à língua portuguesa. Acreditamos que essa escolha tenha sido feita para ampliar o alcance da tradução, já que, caso o leitor não domine a língua inglesa, poderia presumir, a partir da palavra em português agregada ao termo, que se trata do *campus* de Harvard.

Também gostaríamos de ressaltar a diferença entre as duas traduções no que se refere à frase “*Twice we walked past a T stop*” e ao termo “*stepped over gum*”. No primeiro caso, a tradução do ChatGPT — “Duas vezes passamos por uma estação de metrô” — dá a entender que o casal passou duas vezes pela mesma estação de metrô, enquanto que a de Boide — “Passamos por duas estações de metrô” — dá a entender que eles passaram por duas estações diferentes. Neste contexto, nos parece

que a tradução do *software* reproduziu uma ideia mais aproximada do conteúdo original, embora a interpretação da segunda também seja possível. No segundo caso, há também uma divergência entre as traduções, já que o ChatGPT escolheu “Nós pisamos em chicletes” e o tradutor profissional, por sua vez, “Pisamos em chicletes”. Neste cenário, também consideramos que a do *software* capturou melhor o significado pretendido originalmente, dado que até mesmo a ambientação da cena seria ligeiramente alterada se o casal tivesse, de fato, pisado nos chicletes, o que poderia criar uma atmosfera um pouco mais densa, dada a inconveniência.

1.2 Conclusão

O que pretendemos, com essa análise, não foi julgar ou eleger a “melhor” tradução e muito menos apontar “erros” por qualquer uma das partes. Também não objetivamos apontar para o fato de se o ChatGPT realiza traduções literais ou não. Embora isso possa se provar verdade na prática, já que, em quatro dos cinco fragmentos, nós pudemos identificar este procedimento sendo empregado por parte do *software*, isso apenas indica que suas traduções, em geral, tendem a pender mais para a direção de uma tradução direta, conforme Barbosa (2004). O foco aqui, porém, foi observar como, efetivamente, a máquina vem lidando com nuances contextuais e linguísticas. Assim, fornecemos o contexto da cena a fim de perceber como o *chatbot* lidava com as descrições, piadas e expressões idiomáticas, por exemplo, tendo acesso a mais do que apenas uma frase. A respeito disso, tecemos, abaixo, algumas considerações.

No primeiro fragmento, analisamos, principalmente, as traduções da frase “*He laughed and looked at me*” e concluímos que o principal procedimento utilizado pelo ChatGPT — com “Ele riu e olhou para mim” — foi a tradução literal, segundo Barbosa (2004), enquanto que o procedimento principal utilizado por Boide — com “Ele deu risada e se virou para mim” — foi a transposição (Barbosa, 2004), já que o verbo “*laugh*” foi transformado no substantivo “risada” em português. Ao analisarmos outra parte da mesma cena, também percebemos que ambos os agentes fizeram uso da explicitação (Barbosa, 2004), criando um ponto de contato entre os dois textos traduzidos. Outro ponto relevante foi o fato de o ChatGPT não ter inserido uma vírgula em sua primeira frase traduzida do fragmento por inteiro — “O que houve” perguntei”

—, o que pode se tratar de uma tendência adquirida pela máquina a partir do contato com os diversos usuários da plataforma. No que concerne ao tom, consideramos que a tradução de Boide manteve o tom casual presente no original, em contrapartida à do ChatGPT, que foi mais formal.

No segundo fragmento, a frase selecionada para a análise em ambos os casos foi “*You tell her you’re just picking up the ball that she dropped*”. Na tradução do ChatGPT — “Você diz que só está pegando a bola que ela deixou cair” —, destacamos como procedimento técnico principal a tradução literal, já que a máquina traduziu literalmente a expressão, sem buscar uma correspondente no português. Na de Boide — “Você responde que só está levando adiante aquilo que ela abandonou” —, acreditamos que a expressão se configura como uma expressão equivalente nos termos de Barbosa (2004), embora seja menos dinâmica em relação ao original. Também concluímos, que, em razão disso, a do ChatGPT manteve a questão da idiomaticidade, embora fosse literal. Vale acrescentar, porém, que essa tradução dificilmente seria publicada em uma versão oficial.

No contexto geral da cena, também apontamos para o fato de que, na tradução de Boide, ocorrem dois procedimentos não contemplados pelas definições de Barbosa: a adição e a inversão. Isso porque o termo “Louca” é adicionado na tradução e o termo “*mom and dad*” foi traduzido para “papai e mamãe”, o que acreditamos ter ocorrido em função da colocação mais frequente e natural no português em relação a “mamãe e papai”, como pudemos verificar por meio da aba de “Ferramentas” do Google. Também chamamos a atenção para a tradução criativa de Boide para “*Perfect Miss Emma*” — “A Emma perfeitinha” —, a qual recuperou, por meio do diminutivo, o tom jocosos do original quando Marie se dirige à irmã mais nova. A tradução do ChatGPT para a mesma frase foi “A perfeita Senhorita Emma”, mais literal.

Outra questão relevante no contexto geral da cena foi o fato de o *software* ter traduzido “*store*” para “loja” e não “livraria”, por mais que tenhamos fornecido a informação de que o negócio da família, nesse caso, era uma livraria. Ao ponderarmos sobre essa questão, chegamos à conclusão de que um *prompt* mais específico e detalhado teria resolvido o problema. Se tivéssemos inserido, por exemplo, a informação exata de que no trecho haveria a palavra “*store*” e que ela, na verdade, se referia à livraria, que era também o negócio da família, esse deslize poderia ter sido evitado. Consideramos um deslize porque, no Brasil, dificilmente descreveríamos uma

livraria como uma “loja” — de livros. Isso, porém, chama a atenção para o fato de que, ao utilizar o *software* para tradução, pensando em um cenário de incorporação por parte das editoras, seria preciso refletir acerca da importância de fornecer todas as informações contextuais necessárias nos mínimos detalhes, o que levanta outra questão: num cenário em que as editoras tenham começado a utilizar *softwares* como o ChatGPT para realizar traduções a serem publicadas, seria necessário contar com um profissional que revisasse e ajustasse informações como essas durante o processo de pós-edição — nesse caso, o pós-editor.

No terceiro fragmento, por sua vez, a frase selecionada para ambos os casos foi “*In an instant, Jesse went from someone I saw from afar to someone I felt like I’d been talking to my entire life*”. Conforme exposto durante a análise, o *software* buscou se ater mais à forma do original, utilizando como procedimento principal a tradução literal (Barbosa, 2004), gerando, assim, uma tradução engessada no português brasileiro por soar muito estranha aos ouvidos brasileiros — “Em um instante, Jesse passou de alguém que eu via de longe para alguém com quem eu sentia que estava conversando minha vida inteira”. Já na tradução de Boide — “Em um piscar de olhos, Jesse passou de alguém distante para uma pessoa com quem eu parecia ter uma proximidade de uma vida toda” —, o que pudemos verificar enquanto procedimento principal foi a equivalência, conforme Barbosa (2004). Isso porque o tradutor profissional optou por escolhas que prezassem, em vez da forma, pelo sentido do texto original. Também concluímos que, nesse fragmento, a tradução de Boide, especialmente no que se refere a “Em um piscar de olhos” para a frase “*In an instant*”, manteve o tom casual presente no original, que foi formalizado pelo ChatGPT com “Em um instante”, embora esteja mais próxima em termos de sentido.

Já no que se refere ao quarto fragmento, a frase selecionada foi “*My eyes are glassy and bloodshot*” e pudemos verificar que, tanto na tradução do ChatGPT — “Meus olhos estão vidrados e vermelhos” — quanto na tradução de Alexandre Boide — “Meus olhos estão opacos e injetados” —, o principal procedimento técnico empregado nas traduções foi a equivalência, conforme Barbosa (2004). Observamos, ainda, que a tradução do *chatbot* para “*glassy*” — olhar “vidrado” — captou com mais especificidade a descrição do olhar absorto de Emma, mas a tradução de Boide para “*I look*” — “Me vejo” — capturou a ideia de se deter em frente ao espelho, analisando-se com mais profundidade, diferente de “Me olho”, tradução do ChatGPT. Outro ponto

importante foi o fato de a tradução de “*yellow*” ter se perdido no trecho da segunda tradução, realizada pelo tradutor profissional. Chegamos também à conclusão de que a omissão, segundo Barbosa (2004), considerada apenas em relação à eliminação de elementos considerados desnecessários na língua traduzida, como é o caso dos pronomes, não se aplica a este caso e que, por isso, seria interessante que se propusesse uma expansão da categoria para elementos também considerados importantes ou essenciais, mas que, por acidente ou por uma opção consciente, possam ser excluídos da tradução, configurando uma espécie de apagamento.

E no quinto fragmento, por fim, pudemos verificar a omissão em ambas as traduções, que evitaram o uso dos pronomes possessivos na língua portuguesa. No caso da tradução de Boide, destacamos também o estrangeirismo aclimatado empregado pelo tradutor ao adicionar “gramado” a “Harvard Yard”, o que acreditamos servir para ampliar o alcance da tradução, já que essa adição familiariza os leitores que não dominam a língua inglesa com a imagem do *campus* de Harvard.

Em suma, o que pudemos constatar em relação à tradução da máquina foi que, na maioria das vezes, o ChatGPT tende a empregar procedimentos técnicos relacionados à tradução direta, como a tradução literal (Barbosa, 2004), por exemplo. Quanto à máquina lidar bem ou não com questões contextuais, pudemos perceber que isso depende da especificidade com que os *prompts* são redigidos antes que ela traduza determinado trecho ou frase. Isso pode ser um indicativo, por exemplo, de que não necessariamente qualquer profissional saberia gerar esse comando. Supomos, portanto, que seria necessário, se não uma formação, ao menos uma especialização na área. No que concerne à sua tradução de ironia, é possível perceber que essa também é uma dificuldade do *software*. A título de exemplo, no fragmento II, ele traduz “*Miss Perfect Emma*”, uma frase dita em um tom jocoso e irônico, para “a perfeita Senhorita Emma”, literalmente (Barbosa, 2004), como foi possível perceber. No tocante a referências descritivas, como foi evidenciado no caso da descrição física da protagonista em frente ao espelho, a máquina pareceu reproduzir relativamente bem a imagem descrita por Reid originalmente, já que utilizou o verbo “olhar” para “*look*”, o que sugere dificuldade em relação às nuances de uma ou escolha ou outra.

No que concerne à tradução humana, gostaríamos de salientar o modo como Boide foi capaz de manter o tom casual e descontraído em suas traduções, algo que

as cenas muitas vezes exigiam, o que reflete a habilidade do tradutor humano de interpretar o contexto e adaptar, assim, a tradução à intenção do original. Também apontamos para a criatividade do tradutor ao lidar, por exemplo, com o termo “*Miss Perfect Emma*” — “a Emma perfeitinha” —, utilizando o diminutivo para recriar o efeito proposto originalmente, o que demonstra sua capacidade de manter a fluidez, a emoção e o impacto original da cena, elementos que a IA ainda não é capaz de reproduzir com maestria. No tocante à fluidez das escolhas de Boide, gostaríamos de ressaltar que as escolhas do tradutor profissional a priorizam, o que parece refletir sua tentativa de adequação a um público maior — como no caso de adicionar a palavra “gramado” ao termo “Harvard Yard”.

Embora diversos teóricos expressem preferência pela aproximação maior com o original, como é o caso de Venuti (2017) com a estrangeirização, é possível perceber que essa não é uma preferência do mercado — ou, mais especificamente, do meio editorial. Isso pode ser confirmado a partir do fato de Boide ter traduzido não apenas esse, mas todos os romances de Reid no Brasil. Nesse sentido, é possível inferir que suas traduções atendem bem às necessidades do mercado, como, por exemplo, a de criar traduções mais fluidas e envolventes, que atinjam a um público maior. É relevante mencionar que, conforme uma matéria do jornal O Globo, dados do instituto cultural British Council demonstram que apenas 5% da população brasileira sabe se comunicar em inglês e, destes, apenas 1% tem realmente fluência. Com isso em mente, é possível perceber que traduções com mais apego à forma do inglês não atenderiam bem ao público brasileiro, já que poderiam gerar incompreensão ou estranheza.

Concluimos, portanto, que embora as traduções do ChatGPT se revelem muito mais eficientes do que as traduções feitas no passado por meio de ferramentas automáticas, como, por exemplo, pelo Google Tradutor, elas ainda sinalizam apego à forma do original, o que pode não atender tão bem ao público brasileiro, que, majoritariamente, não domina a fluência na língua inglesa. Em comparação, as traduções realizadas por Boide indicam preferência pela fluidez, de forma que atendam a um público maior. Também salientamos que trata-se de uma preferência do mercado editorial, embora seja criticada por muitos teóricos.

Quanto ao *software* lidar bem com questões contextuais e linguísticas, pudemos observar que isso depende da especificidade com a qual os *prompts* são

redigidos, já que, sem isso, ele pode confundir os termos, como demonstramos por meio de sua tradução de “*store*” — para “loja” —, por mais que tenhamos informado que o negócio da família se tratava de uma livraria. Ressaltamos que isso poderia ter sido resolvido se informássemos, também no *prompt*, que no fragmento haveria a palavra “*store*” e que ela deveria ser traduzida, neste caso, para “livraria”. Também enfatizamos que não necessariamente qualquer profissional saberia redigi-los, podendo ser necessário uma especialização na área. Além disso, vale acrescentar que dificilmente uma empresa se daria ao trabalho de redigir *prompts* para cada cena como fizemos aqui a fim de testar o *software* com mais especificidade. Ademais, suas traduções tendem a ser mais formais e ele tende a não traduzir bem elementos como a ironia ou a encontrar expressões idiomáticas equivalentes na língua portuguesa. Em contrapartida, as traduções de Boide tendem a ser mais fluidas e contêm, em alguns casos, um tipo de omissão que não é englobada pela categorização de Barbosa (2004), podendo incluir, assim, apagamento, como pudemos verificar, além de adição e inversão. Isso reforça o que afirmou Oustinoff (2011, p. 22): “A tradução nunca é completamente neutra ou transparente”. Inferimos, com base nisso, que o tradutor também deixa suas marcas na tradução.

Adiante, no próximo capítulo, passaremos a discutir as tendências de mercado atuais, buscando compreender, assim, a probabilidade de permanência do tradutor no mercado de trabalho, contando com a opinião de Boide e com eventos importantes no segmento nos últimos tempos.

CAPÍTULO IV

O TRADUTOR NO MERCADO DE TRABALHO

Conforme uma matéria publicada em 23 de novembro de 2024 na seção de tecnologia da Folha de São Paulo, no setor literário, começa-se a assinar contratos com empresas de tecnologia a fim de firmar parcerias lucrativas. Segundo a notícia, a HarperCollins dos Estados Unidos, por exemplo, propôs a alguns de seus autores um contrato em parceria com uma empresa de IA. O objetivo é que a empresa possa utilizar seus livros para treinar o modelo. Manchetes como essa envolvendo a IA tem afetado a diversos profissionais da área — especialmente aqueles em formação —, na medida em que provoca tensão e incerteza quanto ao futuro do mercado de trabalho. Com isso, começam a surgir perguntas do tipo: os tradutores, por exemplo, vão ser substituídos pela IA?

Outra leva de profissionais, no entanto, não parece apostar tanto ou pelo menos vivenciar essa substituição em suas rotinas no momento. É o caso do tradutor profissional responsável pela tradução oficial do livro analisado aqui, Alexandre Boide. Ao pedirmos sua opinião a respeito da possibilidade de substituição completa do profissional humano por *softwares* de IA, ele respondeu:

Eu vejo essa questão como mais um confronto da velha disputa entre capital e trabalho. Ou seja, quem torna o meu trabalho obsoleto é quem me paga para fazê-lo. Portanto, em última análise, quem vai responder a essa questão é o mercado. Enquanto a tradução for valorizada por quem compra livros como um trabalho intelectual sério, criterioso e necessário, que só pode ser feito por uma pessoa devidamente qualificada, essa exigência vai continuar sendo feita às editoras (Bertolini e Dias, 2024, p. 2).

Ele complementa sua resposta da seguinte maneira:

Além disso, quando falamos de literatura, falamos de manifestações artísticas. Eu não acredito que nenhum autor sério aceite ter sua obra submetida a um processo de tradução por um LLM como, por exemplo, o ChatGPT. São pessoas com uma relação diferente com as palavras, tanto os autores e os tradutores como os editores e os leitores. Existe uma comunidade formada aí, em torno da palavra. Se a questão econômica falar mais alto e as traduções forem padronizadas por robôs, uma cultura se perderia: a da arte da palavra (Bertolini e Dias, 2024, p. 2).

A opinião do tradutor profissional encontra profunda consonância com a Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (2013), a qual também pode servir de auxílio na

compreensão acerca de como o mercado exerce influência sobre essa possível substituição, considerando-se que a tradução, por si só, faz parte de um sistema dinâmico e interdependente dentro da cultura e da sociedade. A prática tradutória, vale acrescentar, não existe isoladamente, pois está em constante interação com os diversos sistemas culturais no qual se faz presente, bem como nos sistemas econômico e tecnológico. Nesse sentido, se a prioridade do mercado — mais especificamente, neste caso, das editoras — for priorizar a velocidade e os custos mais baixos, a IA se desloca para uma posição mais central no polissistema da tradução. Se, por outro lado, o que ele busca for mais cautela e criatividade, é o tradutor humano quem permanece ocupando essa posição. Além disso, no que concerne à afirmação do tradutor em relação a traduções padronizadas por robôs, algo que também pudemos verificar durante o estudo, como se pôde perceber, foi o fato de o estilo das traduções humanas, no momento, atenderem melhor às necessidades do mercado editorial, como, por exemplo, a de atingir a um público maior por meio de sua fluidez. Como evidenciamos, o tradutor não foi contratado para apenas uma tradução na Paralela. Abaixo, acrescentamos outra afirmação sua no que diz respeito a isso:

Quando se trata de livros contemporâneos, como os da TJR, eu sempre traduzo assim. Quando leio, sinto que é esse o estilo dela de narrar, e que é assim que seus personagens falam: sem floreios, mas dizendo coisas importantes e de grande carga emocional. Acho que um livro dela com uma tradução mais engessada — com muitas ênclises e excesso de vírgulas gramaticais, por exemplo, e diálogos com um fraseado artificial que destoe muito do jeito como as pessoas costumam falar — perderia muito. Acredito que seja o que a editora quer também, tanto que continuamos trabalhando juntos nos demais títulos da autora (Bertolini e Dias, 2024, p. 5).

Atualmente, é possível dizer que traduções por IA ocupam uma posição periférica no polissistema da tradução, já que, em sua maioria, as editoras ainda contam com profissionais humanos em suas traduções oficiais. O que não quer dizer, porém, que esse cenário não esteja começando a mudar, já que outra possibilidade vislumbrada pelo mercado é a da integração entre ambas as partes. Atualmente, é possível encontrar, por exemplo, diversos cursos de formação e especialização em IA

com foco no meio editorial, como é o caso da Faculdade LabPub, que criou uma pós-graduação em Produção Editorial com Inteligência Artificial.

Segundo Martins (2014, p. 7), embora a tradução automática seja menos custosa do que a tradução humana, a qualidade ainda está aquém do desejado em muitos casos e, por conta disso, pesquisas têm sido conduzidas no ramo da pós-edição. Esse processo de pós-edição da TA é executado por um profissional humano que faz modificações em seu texto de saída com o objetivo de transformá-lo em um texto aceitável conforme os parâmetros desejados (Krings, 2001 *apud* Martins, 2014). Atualmente, basta uma pesquisa rápida na internet para confirmar que existe uma série de agências de tradução que fornecem esse serviço.

No que concerne à substituição completa do tradutor profissional, por outro lado, há ainda muitas questões em aberto e que servem de empecilho para que essa possibilidade se concretize. Uma delas é o fato de que, como aponta Ribeiro (2022, p. 28), existem apenas sistemas fracos de IA, ou seja, aqueles que são programados para executarem uma tarefa específica, não apresentando eficiência na resolução de outros problemas diferentes daqueles para os quais foram inicialmente programados para resolver. Outro fator impeditivo para a ampla adoção por parte das editoras, por exemplo, a sistemas de IA, é a falta de regulamentação quanto às práticas envolvendo o uso e a falta de segurança em relação aos dados inseridos randomicamente em quaisquer *softwares*, considerando-se que o sistema os absorve para treinamento e os reproduz de forma livre posteriormente. No que se refere à pergunta levantada no jornal O Globo, por exemplo, caso erros graves de tradução fossem cometidos em traduções automáticas, não se sabe quem poderia ser responsabilizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, pudemos constatar, portanto, o modo como o mercado é quem desempenha um papel determinante na delimitação do espaço ocupado pelos tradutores profissionais diante do avanço de *softwares* de IA como o ChatGPT. Com base na Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (2013), pudemos demonstrar que a tradução não pode ser vista enquanto um fenômeno isolado, mas sim como parte de sistemas culturais, econômicos e tecnológicos dinâmicos e em constante movimento, nos quais novas tecnologias são capazes de se inserir e mudar, assim, as relações entre os agentes envolvidos.

Concluimos que a substituição ou não do tradutor profissional no mercado de trabalho depende de uma série de fatores. Dentre eles, o objetivo do mercado — neste caso, o das editoras — com a tradução que publica. Se sua finalidade for produzir textos mais rapidamente e com menor custo, é provável que sistemas de IA se desloquem para uma posição mais central no polissistema da tradução. Se a finalidade, por outro lado, for mais cautela e criatividade nos textos, é provável que o tradutor humano permaneça nessa posição central. Além disso, é possível considerar a possibilidade, mais próxima do que nunca, de ambas as partes serem integradas para atender às demandas do mercado, o qual também pode prezar não só pela velocidade como também pela qualidade de suas traduções publicadas, a depender de outros fatores, como a economia e a cultura atuais, o que leva a mais aceitação ou rejeição da implementação do uso de IAs nas empresas.

Salientamos que este é o primeiro trabalho na área dos Estudos da Tradução a comparar traduções feitas tanto pelo ChatGPT quanto por um tradutor humano — Alexandre Boide — e esperamos que outros trabalhos possam explorar ainda mais as diversas lacunas e dúvidas existentes em torno do assunto. Com o surgimento de novos *softwares*, como o DeepSeek, certamente ainda há muito a ser discutido.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Diogo de Almeida. **AS OBRAS E AS INVENÇÕES GERADAS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL**. 2020. Tese (Mestrado em Direito) – Universidade de Lisboa, s.l., 2020.
- ASIMOV, Isaac. **I, Robot**: The science fiction classic. 1ª edição. New York: HarperVoyager, 2018.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. Procedimentos técnicos da tradução. 2ª ed. Campinas, Pontes, 2004.
- BARBOSA, Xênia de Castro; BEZERRA, Ruth Ferreira. BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. **Jamaxi**, Rio Branco, v. 4, n. 2, 2020.
- BAROL, Jessica. Os dilemas do uso de inteligência artificial em traduções. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 jun. 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/epoca/os-dilemas-do-uso-de-inteligencia-artificial-em-traducoes-23722478?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 14 fev. 2025.
- BERTOLINI, Judithe; DIAS, Fernanda. Entrevista com Alexandre Boide. **TradTerm**, São Paulo, v. 46, 2024.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BUTLER, Samuel. **Erewhon**. 1ª edição. London: Penguin Classics, 1970.
- CAMPOS, Giovana Cordeiro; HANES, Vanessa Lopes Lourenço. A história e a tradução, a história da tradução e a tradução na história. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, n. 28, 2020.
- CATFORD, John Cunnison. **A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics**. 1ª edição. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- CÍCERO, Marco Túlio. Tradução: VIEIRA, Bruno Vinicius Gonçalves; ZOPPI, Pedro Colombaroli. De optimo genere oratorum. **Scientia Traductionis**: Florianópolis, n. 10, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n10p4>
- COZMAN, Fabio Gagliardi. Inteligência Artificial: uma utopia, uma distopia. **TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, São Paulo, n. 17, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/48587>

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos Polissistemas. Tradução: MAROZO, Luís Fernando; RIZZON, Carlos; CUNHA, Yanna Karla. **Translatio**, Florianópolis, n. 5, 2013.

FERREIRA, Rafael; GARCIA, Gustavo Henrique; BRASIL, Deilton Ribeiro. O surgimento do Chat GPT e a insegurança sobre o futuro dos trabalhos acadêmicos. **Cadernos de Direito Actual**, Santiago de Compostela, n. 21, pp. 130-143, 2023.

FUENTES, Patrick. DeepSeek: novas IAs serão mais baratas e mais leves? Entenda. CNN, São Paulo, 30 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/deepseek-novas-ias-serao-mais-baratas-e-mais-leves-entenda/>. Acesso em 14 fev. 2025.

GARDNER, Howard. **Inteligência** - um conceito reformulado. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

GOMES, Victor Pereira. **REVISITANDO O TESTE DE TURING**: análises e consequências. 2023. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/57607>

HarperCollins propõe a escritores que seus livros treinem inteligência artificial. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 nov. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/11/harpercollins-propoe-a-escritores-que-seus-livros-treinem-inteligencia-artificial.shtml>. Acesso em: 14 fev. 2025.

HOLMES, James. **The Name and Nature of Translation Studies**. In: Translated Papers on Literary Translation and Translation Studies. Amsterdam: Rodopi, 1972.

KARHAWI, Issaaf; SZABÓ, Sarah; FERNANDES, Carla. BookTok: o papel dos criadores de conteúdo do TikTok no estímulo à leitura no Brasil. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, 2024. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28273/15483

KAUFMAN, Dora. **A inteligência artificial irá suplantar a inteligência humana?** 1ª ed. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2018.

LEE, Kai-Fu. **Inteligência artificial**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

LOPES, André. Jornal 'New York Times' processa OpenAI e Microsoft por violação de direitos autorais. **Exame**, São Paulo, 27 dez. 2023. Disponível em: <https://exame.com/inteligencia-artificial/new-york-times-esta-processando-a-openai-e-a-microsoft-por-violacao-de-direitos-autorais/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

MARSHALL, Catherine; ROSSMAN, Gretchen. 7ª ed. **Designing Qualitative Research**. Sage Publications, Nova York, 2021.

MARTINS, Débora Beatriz de Jesus. **PÓS-EDIÇÃO AUTOMÁTICA DE TEXTOS TRADUZIDOS AUTOMATICAMENTE DE INGLÊS PARA PORTUGUÊS DO BRASIL**. 2014. Tese (Mestrado em Ciência da Computação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

MCLUHAN, Marshall. **The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man**. 1ª edição. Berkeley: Gingko Press, 2008.

NEWMARK, Peter. **Approaches to Translation**. 2ª edição. Oxford: Phoenix ELT, 2003.

NIDA, Eugene. **Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating**. 2ª edição. Leiden: Brill Academic Pub, 2003.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: História, Teorias e Métodos**. 1ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

RECH, Ramana. Entenda o que é DeepSeek, a inteligência artificial chinesa que preocupa o Vale do Silício. São Paulo, 27 jan. 2025. Disponível em: <https://exame.com/inteligencia-artificial/entenda-o-que-e-deepseek-a-inteligencia-artificial-chinesa-que-preocupa-o-vale-do-silicio/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

REID, Taylor Jenkins. **Amor(es) verdadeiro(s)**. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2020.

REID, Taylor Jenkins. **Daisy Jones & the Six: uma história de amor e música**. Tradução: Alexandre Boide. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2020.

REID, Taylor Jenkins. **Malibu renasce**. Tradução: Alexandre Boide. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2020.

REID, Taylor Jenkins. **One True Loves**. 1ª edição. New York: Atria Books, 2016.

REID, Taylor Jenkins. **Os sete maridos de Evelyn Hugo**. Tradução: Alexandre Boide. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2017.

RIBAS, Rafaela. Você realmente fala bem em inglês ou é só embromation? O Globo, Rio de Janeiro, 08 abr. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/voce-realmente-fala-bem-em-ingles-ou-so-embromation-23577552#:~:text=Dados%20do%20instituto%20cultural%20British,apenas%201%25%20tem%20realmente%20flu%C3%Aancia>. Acesso em: 19 fev. 2025.

SAMPAIO, Rafael *et al.* ChatGPT e outras IAs transformarão a pesquisa científica: reflexões sobre seus usos. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 32, 2024.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de traduzir. Tradução: Celso Braidá. **Princípios**, Natal, v. 14, n. 21, 2007.

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial**. 2018. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2018.

SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 35 n. 101, 2021.

SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 35 n. 101, 2021.

SILVA, Matheus Afonso Batista. **DO ELIZA AO CHATGPT: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências da Computação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2024.

SNELL-HORNBY, Mary. A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? Tradução: REICHMANN, Tinka; MOREIRA, Marcelo. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 15, n. 19, 2012, p.185-212.

TURING, Alan Mathison. Computing machinery and intelligence. England: **Mind**, v. 59, n. 236, 1950.

VENUTI, Lawrence. **The Translator’s Invisibility: A History of Translation**. 2ª edição. London: Routledge, 2017.

VITORIO, Tamires. Trump anuncia investimento de US\$ 500 bilhões em infraestrutura para inteligência artificial nos EUA. **Exame**, São Paulo, 21 jan. 2025. Disponível em: <https://exame.com/inteligencia-artificial/trump-anuncia-investimento-de-us-500-bilhoes-em-infraestrutura-para-inteligencia-artificial-nos-eua/>. Acesso em: 14 fev. 2025.